

## ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: FÁBIO LUZ E O *IDEÓLOGO*

**Alex Brito Ribeiro**

Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este presente texto tem como proposta analisar alguns aspectos da obra do médico baiano e militante anarquista Fábio Luz, principalmente o seu texto intitulado *Ideólogo*. Nosso objetivo, é pensar aspectos literários do autor e relacioná-los ao seu contexto histórico, o Brasil da Primeira República. Nesse sentido, entendemos que a literatura pode contribuir no processo de entendimento histórico, e Fábio Luz seria um dos elos para a nossa análise.

**Palavras chaves:** Literatura, História, Sociedade

**Abstract:** This analysis as the objective to analyze some aspects of the work of the physician from Bahia and anarchist, Fabio Luz, principally his work “Ideólogo”. Our objective is to study the literary aspect of the author and link his work with his historical time, the Brazil of the First Republic. In this way, we understand that the literature can contribute in understanding the historical process and Fabio Luz would be one the links for our analysis.

**Keywords:** Literature, History, Society

### Introdução

Fábio Lopes dos Santos Luz era o nome de batismo de Fábio Luz, como ficou conhecido. Iniciou sua vida em 1864, filho da professora Adelaide Josefina Lopes Luz, e de Manoel dos Santos Luz, funcionário público que trabalhava como administrador da *Mesa de Renda*.<sup>1</sup>

Luz nasceu e viveu parte de sua juventude no município de Valença, que fica localizada aproximadamente a 270 km da capital do Estado da Bahia. Se formou médico na Escola de Medicina da Bahia e logo depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde escreveu diversas novelas e romances como *O Ideólogo*, *Os emancipados*, entre outros.

Além de médico e escritor, Fábio Luz era militante anarquista. Escrevia, principalmente, como uma forma de militância política, entretanto, sua produção literária foi, de alguma maneira, reconhecida em seu tempo, que o levou para ocupar uma cadeira da Academia Carioca de Letras em 1934.

---

<sup>1</sup> Cargo criado no período regencial, com o objetivo de operar despachos aduaneiros e fiscalização em portos de escasso movimento. LIMA, JOSELY TOSTES DE. **A palavra e a pena: dimensões da militância anarquista de Fábio Luz. (Rio, 1903/1938)**. Dissertação de mestrado, p. 10.

A literatura produzida pelo médico anarquista pode ser considerada como algo que está na fronteira entre a ficção e o real. Embora sejam considerados como textos romanceados, os seus textos escritos possuem uma carga de história, de crítica social, de concepções políticas, de propostas de futuro que não podem ser ignoradas.

Fábio Lopes dos Santos Luz faleceu no dia 09 de maio de 1938, nos deixando ampla produção intelectual não apenas na literatura, nos jornais pelos quais escreveu, nos folhetos, mas principalmente pela sua entrega a uma causa, a sua luta diária pela anarquia, vivendo o anarquismo não apenas nos livros, mas principalmente no seu cotidiano, em sua vida. Como escreveu Edgar Rodrigues: “Viveu e morreu pobre entre os pobres que labutavam honradamente, dia a dia.”<sup>2</sup>

### **Conceito de Romance Social**

Talvez seja muita pretensão de nossa parte tentar traçar um panorama conceitual do termo “Romance Social”. Entretanto, entendemos ser necessário alguns esclarecimentos por conta da falta de estudos mais específicos em relação ao tema de forma mais específica e, principalmente, para situarmos a obra de Fábio Luz dentro de um contexto literário. Ou seja, não pretendemos buscar uma classificação fria, pura e simples. O nosso objetivo também não é colocá-lo em um pedestal, algo que o próprio autor em toda sua vida não almejou; mas usar o termo para entender o contexto da obra do médico anarquista.

Queremos, na verdade, pensar a literatura como algo que ao mesmo tempo pode entreter e também instruir, não apresentando apenas críticas sobre uma sociedade, mas também propondo soluções para a mesma. Ou seja, tentar demonstrar a relevância do romance “Ideólogo”, publicado em 1903, não apenas para a militância ácrata, mas também para o campo literário e principalmente para campo histórico.

Alfredo Bosi aponta que a transição de estilos no Brasil, entre o *Romantismo* e o *Realismo*, aconteceu por volta da segunda metade do século XIX: “Os anos de 70 trouxeram a viragem antirromântica que se definiu em todos os níveis. Chamou-se realista e depois naturalista na ficção, parnasiana na poesia, positiva e materialista em filosofia.”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz**. Rio de Janeiro: VJR, 1993, p. 146.

<sup>3</sup> BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 48ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 261-262.

Mas para que a percepção em relação a essa transição de estilos fique bem mais evidente, Alfredo Bosi nos convida a pensar o momento político brasileiro da segunda metade do XIX e o seu impacto na sociedade, que atinge diretamente a literatura: “De qualquer forma, só o estudo atento dos processos sociais desencadeados nesse período fará ver as raízes nacionais da nova literatura, raízes que nem sempre se identificam com a massa de influências europeias então sofridas”.<sup>4</sup>

Podemos tirar pelo menos dois aspectos interessantes da citação acima: um indicativo que, justamente, sugere a análise do cotidiano brasileiro para observar as novas direções da literatura, e outro no qual se adverte sobre esses rumos, que podem surgir sem que o velho continente seja a nossa principal influência. Ou seja, podemos pensar a literatura brasileira de maneira bastante particular, a partir de características próprias, na qual a sociedade irá fornecer os elementos para se pensar a transição de estilos literários que não estarão presos aos padrões europeus, embora eles fossem uma de nossas fontes de inspiração.

O cotidiano político brasileiro fez com que o escritor de literatura se aproximasse, em especial, do cenário político, da realidade em que o país se encontrava, ao mesmo tempo, que acabou se afastando do cenário romântico da literatura. O autor passou a se importar mais com a realidade e, conseqüentemente, passou a ser motivado pelos acontecimentos contemporâneos. As questões do cotidiano passaram a ser fonte de inspiração para seus textos.

Dos escritores que estão na prateleira dos “cânones” da literatura brasileira, Lima Barreto um dos exemplos de autores que se aproximaram de forma mais evidente da questão social em seus romances, nos seus textos em geral. É o que afirma um conjunto de estudiosos do tema, entre os quais: Alfredo Bosi, Nicolau Sevcenko, Antônio Arnoni Prado, Francisco Foot Hardman, Antônio Candido.

Ainda falando de Lima Barreto, Alfredo Bosi destaca:

Tal duplicidade de planos, o narrativo (relato de percalços do brasileiro em sua pátria) e o crítico (enfoque dos limites da ideologia) aviva de forma singular a personalidade literária de Lima Barreto, em que se reconhece a inteligência como força sempre atuante.<sup>5</sup>

Lima Barreto, para o autor, pode ser caracterizado como um escritor realista. Partindo desse pressuposto, o seu olhar crítico em relação à sociedade é transmitido quase em tom de ideologia por intermédio de seus textos ao longo de sua vida.

---

<sup>4</sup> Idem, p. 177.

Entretanto, temos que salientar que o *Ideólogo* de Fábio Luz é anterior ao primeiro livro publicado por Lima Barreto, “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, em 1909.

Isso poderia ser visto como um fato irrelevante, contudo, entendemos que não, pois em uma análise literária, o livro de Fábio Luz tem muito a contribuir a essas classificações, e não é citado na bibliografia em momento algum.

Voltando ao início do debate, o historiador de literatura destaca que, o autor da segunda metade do XIX, mas principalmente, a partir da década de setenta, como produto de seu tempo observa a realidade de forma empírica, absorvendo e escrevendo a partir de suas experiências cotidianas.

Os escritores realistas voltaram-se para a observação do mundo objetivo. Consideravam possível a sua representação artística. Procuravam fazer arte com os problemas concretos de seu tempo, sem preconceito ou convenção. E renovaram a arte, ao focalizarem o cotidiano, desprezado pelas correntes estéticas anteriores. Pretendiam os realistas estabelecer uma relação real entre suas ideias e o mundo objetivo de sua época.<sup>6</sup>

Benjamin Abdala Junior publicou na década de noventa do século vinte, um livro cujo título dado tem muito a ver com o que estamos discutindo, pois se chama “O Romance Social”. Mesmo se dedicando a trabalhar com os autores da década de 1930, o autor aponta alguns elementos bem interessantes e importantes para que possamos traçar um panorama sobre o *Romance Social*. Entendemos que estes elementos podem ser transportados para o nosso recorte temporal a fim de nos ajudar a compreender um pouco mais sobre o conceito expressão.

O romance, para os autores pesquisados, como para seus predecessores, pode ser visto como forma de intervenção na sociedade, uma possibilidade de criticar ou denunciar os problemas sociais que nos cercam, conscientizar o leitor para os problemas reais do seu tempo. Ou seja, os autores não escrevem apenas pelo prazer artístico ou buscando laureados elogios, mas atrair a atenção do leitor para os problemas reais do seu cotidiano.<sup>7</sup>

A linha que permeia o romance voltado para a análise da sociedade, ou seja, aquele que tem como temática a crítica à sociedade é bastante tênue, pois muitos romances tratam do assunto de forma direta ou indireta. Esse ponto de vista é defendido pelo grande sociólogo Florestan Fernandes, para quem o “romance social pode ser todo

---

<sup>5</sup> Idem, p. 339.

<sup>6</sup> JUNIOR, Benjamin Abdala & CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1986, p. 133.

romance”. Para o sociólogo paulista, o autor direta ou indiretamente tem o seu cotidiano transferido para sua obra.<sup>8</sup>

Partindo desse pressuposto, o “julgamento do autor se faz a partir de sua capacidade em recriar ambientes e, nestes, criar um clima de vida humana, por meio de personagens vivos, em interação, caracterizados por sua conduta e pelos padrões de comportamento que a explicam”.<sup>9</sup>

Na reflexão proposta por Florestan Fernandes, há algo que pode soar simples, mas que, aplicado ao assunto que estamos tratando, faz bastante diferença na nossa interpretação. Quando ele fala sobre “personagens vivos”, entendemos que, em um romance social, as personagens devem ser idênticas às pessoas, como o leitor e o autor. Isso quer dizer que as personagens podem ser transportadas para a “vida real”, para fora do romance, sem nenhuma alteração. As personagens de uma maneira geral sentem as mesmas dores do cotidiano que os leitores.

Um “Romance Social” não deve apenas tratar da sociedade, mas também levar a sociedade para as páginas do livro, dando vida as personagens no sentido de serem reais em um texto de caráter fictício. Em um livro de ficção, todas as personagens estão vivas em nosso imaginário, entretanto, queremos evidenciar que, no romance social, às personagens, além de vivas, são representações do cotidiano, do dia-a-dia.

Mesmo não oferecendo uma definição concreta sobre o termo “Romance social”, alguns autores do campo libertário, como Milton Lopes<sup>10</sup> e Edgar Rodrigues<sup>11</sup> classificam o livro de Fábio Luz, *Ideólogo*, como um dos precursores do gênero no Brasil.

Um dos poucos autores que trataram do tema, mesmo que de passagem, foi José Adriano Fenerick. Seu estudo sobre a literatura anarquista nas duas primeiras décadas do século XX, abordando de forma mais específica Fábio Luz e Manuel Curvelo de Mendonça, mostrou alguns aspectos característicos da literatura libertária.

Porém, podemos adaptar esses itens para nos ajudar a pensar o termo objeto dessas linhas iniciais. O autor afirma que “os romances de cunho anarquista, basicamente, constituem-se de três elementos: a descrição de uma sociedade burguesa, a

---

<sup>7</sup> JUNIOR, Benjamin Abdala. **O Romance Social**. São Paulo: Scipione, 1993, p. 11.

<sup>8</sup> FERNANDES, Florestan. O Romance Social no Brasil. IN: **Folha da Manhã**. São Paulo. Ano XIX, n 6172 de 27 de abril de 1944.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> LOPES, Milton. A Universidade Popular: Experiência educacional anarquista no Rio de Janeiro. In: AARÃO Reis Filho, Daniel e DEMINICIS, Rafael. **História do anarquismo no Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad X, 2006.

<sup>11</sup> RODRIGUES, Edgar. Op. Cit.

apresentação e crítica das contradições desta sociedade e a projeção de uma sociedade utópica baseada nos preceitos do ideário anarquista”.<sup>12</sup>

Os romances de cunho social, além de descreverem a sociedade vigente, apontam críticas a essa mesma sociedade, críticas ao sistema político, ao comportamento da sociedade, não se restringindo apenas à elite, mas também do sofrimento do povo. E, de fato, o *Ideólogo* se insere nessas características, além da militância anarquista propriamente dita.

Em meio a estes questionamentos e abordagens do autor, entendemos de uma forma geral que o “Romance Social” se refere a um texto de carácter ficcional que não foge da realidade, mesmo apresentando personagens fictícios ou mesclando personagens reais e fictícios. Como mostra o exemplo de Fábio Luz, o texto busca analisar de forma crítica o espaço social em que este autor está inserido. Nesse sentido, ele não é apenas uma representação do cotidiano, um olhar descritivo, mas também na análise crítica da sociedade em praticamente todos os aspectos, como os sociais, políticos e econômicos.

É claro que não podemos nos esquecer de que se trata de um romance, logo, no curso de o *Ideólogo*, ele tratará de diversos temas, perpassando por tramas envolventes que nos farão não apenas perceber todo o contexto social, mas nos envolver com as personagens.

### **Fábio Luz entre a escrita e a arte**

Segundo Gaetano Manfredonia, a arte e a política, sobretudo, a arte e o socialismo estão longe de ter um bom relacionamento no final do século XIX. O autor afirma que o episódio da Comuna de Paris ocorrido em 1871 foi considerado pelos artistas com algo traumático, nesse sentido, para superar este trauma, a solução encontrada foi refugiar-se no que o autor chamou de arte pela arte,<sup>13</sup> ou seja, o envolvimento com a política passou a ser evitado.

A arte pela arte servia como uma forma de defesa em relação aos imprevistos do cotidiano, uma defesa ao envolvimento com a política e os danos colaterais que esta união poderia a vir causar. “Uma arte concebida como uma espécie de escudo protetor

<sup>12</sup> FENERICK, José Adriano. A literatura anarquista dos anos 1900/20: um estudo da recepção em dois quadros críticos. In: **Revistas de Humanidades**, v. 5, n. 10, Junho de 2004.

<sup>13</sup> MANFREDONIA, Gaetano. *Arte e Anarquismo na França da belle époque (1880-1914)*. IN: Vários autores. **Arte e Anarquismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001, p.36.

em relação ao mundo exterior ameaçador e imprevisível em que as forças ‘bárbaras’ estavam para desencadear-se a qualquer momento”.<sup>14</sup>

Os artistas deveriam, segundo os anarquistas, colocar a sua arte a serviço da revolução, a serviço daqueles que mais precisam, deixando claro que a luta deve ser contra quem oprime o povo, onde a influência, penetre nos poros em direção ao coração levando o sentimento revolucionário por todo o corpo, mostrando ao povo que a vida da forma como segue não está correta, inflamando no povo a luta pela emancipação social.<sup>15</sup>

Em 1934, Fábio Luz publicou o texto *Dioramas*, e a partir dele, podemos ter diversas perspectivas literárias e sobre a arte em relação ao médico escritor. Citemos a escrita como um dos aspectos que iremos trabalhar no romance *Ideólogo*. Trata-se justamente de uma escrita que entendemos ser de fácil entendimento para o leitor. Essa particularidade da escrita pode ser vista como uma característica própria de Fábio Luz que, no texto *Dioramas*, de 1934, estabelece uma crítica à forma extremamente rebuscada à qual se atém os literatos de seu tempo. “A frase difícil e a raridade do termo fino, de adjetivos, rebuscados nos dicionários e nas ciências e já em desuso, estão complicando nossa incipiente literatura”.<sup>16</sup>

Para o médico libertário, essa forma de escrever, na verdade, prejudicava a leitura e a compreensão do texto, principalmente daqueles que não tiveram acesso a uma formação contínua, fazendo o *leitor perder o fio da narrativa*, pois, para que este pudesse ler, deveria ter em mãos pelo menos um dicionário para, de tempos em tempos, parar a leitura para poder consultá-lo.

Trouxemos essa questão, pois acreditamos que ela seja pertinente, mesmo entendendo que o ato de consultar um dicionário seja fundamental para o enriquecimento do vocabulário, do conhecimento em si. Entretanto, o contexto no qual o autor escreve é bem distinto, o que reforça a crítica feita por ele. A população brasileira de então não frequentava escolas por conta da falta de oportunidade e possibilidade de estudar. A mensagem deveria ser transmitida com certa rapidez e de forma muito objetiva e clara, para que esse mesmo leitor pudesse absorver todo o conteúdo, principalmente o de propaganda ideológica e da crítica social contida nos

---

<sup>14</sup> Idem, p 36.

<sup>15</sup> KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um Revoltado**. São Paulo: Editora Imaginário, 2005. P 66.

<sup>16</sup> LUZ, Fábio. **Dioramas: Aspectos Literários (1908-1932)**. V. I. Editora Ravaro. Rio de Janeiro, 1934. P 17.

textos escritos. Sendo assim, fazia-se necessária uma linguagem mais prática e clara, de fácil acesso para que os objetivos fossem alcançados pelos autores militantes.

A arte produzida pelos militantes anarquistas, de uma maneira geral, é vista principalmente como função social, como afirma o próprio Fábio Luz. Para o autor, a arte também deve cumprir uma função de registrar o cotidiano da sociedade e esse registro deve servir como estímulo para as gerações futuras reivindicarem as mudanças de caráter revolucionário.

O médico libertário se coloca desta maneira também para criticar a forma como a História era produzida e reproduzida em sua época. Em suas próprias palavras: “ensinamentos transmitidos pelos cronistas e escribas reais, cujas bajulações aos poderosos ainda servem de fonte de informações para a História, sempre contada à feição dos governantes ou ao sabor das preferências do historiador”.<sup>17</sup>

Fábio Luz acredita que a História produzida no Brasil tinha endereço certo, e sempre era vista por apenas uma ótica, a dos vencedores. Nesse sentido, o médico libertário entende que as informações, as experiências, as relações históricas de um povo devem ser deixadas por este mesmo povo, ou seja, essa análise a partir de uma produção artística variada é fundamental para uma compreensão histórica de um determinado recorte. Esse olhar parte da perspectiva do autor, de uma angústia, mas entendemos que esse ponto de vista não anula de maneira alguma a pesquisa empírica por meio fontes documentais ou da produção historiográfica acerca de um determinado assunto.

O escritor anarquista é muito firme na sua convicção sobre arte, pois, para ele, esta teria uma função social. O contrário é visto pelo autor como uma arte vazia, prejudicial, que não produz sentimento, não comove ou provoca entusiasmos. Os autores dessa estética criticada por Luz são vistos pelo mesmo como pessoas cansadas, incapazes de criar algo novo, permanecendo imóveis em face da evolução da própria literatura. No fim, dedicam-se a produzir uma “arte de japonarias, de exotismos, literatura de dicionário, erudição de catálogo, poesia de grandes cartazes de medicamentos milagrosos, com maiúsculos impressionantes, como premonições de estabelecimentos de arte gráfica, exibindo typos diversos em caixa alta...”.<sup>18</sup>

Não será também um produto de regras de escolas, no sentido de crítica. Será uma arte vibrante de vida e ideal e, acima de tudo, farta de sentimento. “Toda a alma,

---

<sup>17</sup> Idem, p 16.

<sup>18</sup> Idem, p 19.

quando o escriptor é sincero e escreve tomado pelo fogo ardente da concepção, sem subordinação nem respeito às cousas humanas, todo voltado e absorvido pelo seu ideal”.<sup>19</sup>

Outro ponto bastante importante que podemos destacar na forma de pensar de Fábio Luz tem a ver com o universo que circunda uma obra de arte, um livro, etc., ou seja, o universo do autor. “Depende o estylo do escriptor, como a maneira do pintor, de suas idiosyncrasias, de seu temperamento, de sua educação, da influencia do meio em que vive e viveu, do seu modo de encarar a natureza”.<sup>20</sup>

Para o autor, “a arte escripta, se é humana, se é sincera e verdadeira, se bem exprime o sentir do auctor que sabe, com ardor e carinho, nella transfundir toda a sua alma e sua sensibilidade, impressionará a todos”.<sup>21</sup> Isso quer dizer que, uma obra para ser observada com a devida atenção ou um livro seja lido com prazer, deve transmitir sentimentos. O leitor ou expectador deve se convencer, se comover por meio das emoções expostas presentes intrinsecamente em sua obra.

E, no entender de Fábio Luz, o sentimento deve passar invariavelmente pelo estilo de quem escreve. Ou seja, “o bom estylo depende de tanta sensibilidade, de tanto poder artístico, de tanto habito de trabalho, que se não pode modificar à vontade, depois que se consegue um característico”.<sup>22</sup> Ou seja, o crítico deveria observar os aspectos de uma obra que estejam ligados à questão do sentimento, não se fixando apenas no olhar sobre a forma. Pois se toda obra tem ligação direta com quem a produz. O universo de experiências do autor está inserido direta ou indiretamente em uma obra, e os críticos deveriam se ater não apenas aos aspectos da forma, mas também do sentimento, do conteúdo.

## **O Ideólogo e o seu tempo**

### **Percepções iniciais acerca do romance**

O romance *Ideólogo*, de Fabio Luz, publicado no ano de 1903, talvez seja o principal texto escrito pelo autor, por conta principalmente do seu conteúdo e por ser um dos primeiros a abordar essa temática. Está claro que o autor não tinha preocupações literárias no sentido de viver da pena ou de se enquadrar dentro de um perfil estético que o elevasse ao patamar dos grandes autores. Entretanto, a obra do médico e escritor pode

---

<sup>19</sup> Idem, p. 28.

<sup>20</sup> Idem, p. 31.

<sup>21</sup> Idem, p. 34.

<sup>22</sup> Idem, p. 31.

facilmente figurar entre os principais romances de sua geração. Entendemos e reconhecemos a importância do livro escrito pelo médico anarquista, mas que ainda hoje se encontra no limbo historiográfico e, por que não dizer, literário. Comprendemos também que o autor carrega em seu texto um universo de perspectivas acerca da sua geração, e isso torna o livro tão especial e importante. Trata-se de um romance, que hoje podemos chamar de histórico, mas também podemos e devemos chamar de social.

O *Ideólogo* apresenta uma narrativa que não oferece sinais de dificuldade para o entendimento, sem arroubos de erudição ou fatos desconexos com a realidade, elementos que podem tornar o texto difícil de ser lido. Pelo contrário, a leitura é bastante fácil e tranquila, permite que nos aproximemos de certas personagens com as quais nos identificamos e personagens que odiamos. Quando falamos em leitura fácil, não estamos dizendo uma leitura simplória, ou seja, por mais fácil seja a leitura do texto escrito pelo médico anarquista, isso não quer dizer que não seja um texto mal elaborado e sem proposta ou propósito, no sentido do olhar literário.

A função do livro de Luz é ser um propagador de ideias e críticas, no qual qualquer pessoa, desde o intelectual até o operário, pudesse perceber claramente a proposta do autor, as questões colocadas por ele em seu texto. Pensamos desta forma, porque entendemos que o texto tem uma finalidade evidente, o de exercer um papel de propaganda, de denúncia, de crítica à sociedade.

A narrativa possui alguns personagens principais e outros que perpassam o texto. De uma maneira geral, são poucos, mas todos necessários para o andamento da trama. Os dois principais, Anselmo e Alcibiades, são amigos e conterrâneos de longa data, que vivem no Rio de Janeiro, mas que se diferem na profissão e na ideologia. O narrador conta de uma maneira bastante agradável os movimentos das personagens, mas não se insere no contexto da trama. Também pode ser visto como alguém que está lendo o texto em voz alta para outras pessoas, prática comum no Brasil da época, onde a maioria da população era analfabeta e os textos eram lidos de fato em voz alta para que todos tivessem o mínimo acesso.

O livro tem um direcionamento claro, objetivando penetrar nos lares das camadas mais baixas da população. Já os representantes das camadas mais ricas e abastadas da sociedade podem entender o texto escrito por Luz como uma afronta ao seu estilo de vida, à sua forma de se relacionar com as outras pessoas, pois são

abordados pelo autor como uma *categoria* na qual as maiorias dos indivíduos não têm alma e nem escrúpulos.

Mas, esse não é o único aspecto que poderia afastar os leitores ricos do texto de Luz, ao retratar de forma fidedigna o cotidiano dos subúrbios ou das prisões, autor se dedica a relatar os problemas vividos pelos menos abastados, às vezes em situação de doença, ou até mesmo preso. Nesse sentido, o leitor abastado acaba se afasta da trama, pois não se identifica com o sofrimento dos mais carentes, não se identificando como um daqueles apresentados no romance, vulgos *sem alma*.

Já o outro lado, os mais pobres, podem se identificar facilmente com alguns personagens da trama de Luz, talvez nem tanto com as personagens principais, mas com algumas das personagens transversais que vivem a mesma realidade, sendo na verdade uma representação da sociedade no texto ficcional. Essas personagens transversais são retratadas de forma bastante elogiosa pelo autor. Elas se relacionam com Anselmo, o *ideólogo*, um advogado rico que tem como um grande objetivo de vida ajudar aqueles que são menos favorecidos. Um personagem bondoso, que, mesmo sendo rico, sofre por amor, pela miséria de seu povo. Seu ímpeto em querer dar tudo o que tem, dividindo com os pobres, tem o objetivo de provocar bons sentimentos no leitor, mas trataremos disso mais adiante.

Como um bom romance, o *Ideólogo* não vive apenas da militância. Existe todo um cenário de tragédia, de relacionamentos que ora permeiam o universo da conveniência e o do desejo de “um bom casamento”, ora perpassam relações nas quais o amor é o principal motivador de sentimentos. Tragédia para Fábio Luz está relacionada ao cotidiano do ser humano e nesse sentido, o autor explora a tragédia social em diversos aspectos, tais como a maneira que a sociedade burguesa lida com o casamento e todas as suas nuances. Nesse aspecto, o casamento de Alcibiades serve como argumentação, já que ele é um médico de relativo prestígio, que vem a se casar com uma mulher de índole duvidosa por conta do seu dote.

O romance dialoga também com a forma como vivem as pessoas mais pobres dos subúrbios, muito bem retratada pelo autor. São provas claras da tragédia social à qual são submetidos os trabalhadores carentes. A morte segue toda a vida das personagens principais do romance. Alcibiades vive à sombra do suicídio da mãe de Elsa, uma criança gerada do romance entre ele, um jovem rico, e uma mulher mestiça e pobre. Assim como acompanha Anselmo, que por pensar mais nos pobres, se descuida

do horário, fazendo com que sua mulher, Martha, viesse a sofrer um grave acidente ao ir procurá-lo, acidente este que acaba tirando-lhe a vida.

Não só de tragédias trata o livro de Fábio Luz. Há também alegrias, como novos relacionamentos surgidos por meio do amor, perspectivas de novos rumos para as pessoas que antes eram mal vistas pela sociedade, possibilidades de ruptura de formas de pensar. O livro também revela um grande sentimento de otimismo por parte do autor. Na verdade, o livro está cercado por dualidades que de alguma maneira se complementam. Polos antagônicos entre si, em uma relação onde um não existe sem o outro. A vida e a morte, a crítica à sociedade e a proposta de transformação social, são as tônicas do livro, abarcando a vida do ser humano, perpassando desde o nascimento até a morte do indivíduo.

O romance escrito por Fábio Luz nos deixa um legado bastante extenso acerca da sociedade do seu tempo. A partir do texto, temos diversas impressões da Cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, diversos aspectos do cotidiano burguês, como escândalos, formas de enriquecer, etc. Constitui uma crítica à República, assim como expõe o universo das prisões, as realidades dos subúrbios, a exploração do trabalho e a religiosidade popular. Denuncia aceleração do ritmo de vida, a política sanitária promovida por Oswaldo Cruz, além de destacar a proposta econômica do encilhamento e de abordar o conflito ocorrido no Arraial de Canudos.

### **Sociedade em *Ideólogo***

Cabem aqui algumas palavras introdutórias antes de iniciarmos nossa exposição sobre o tema. Entendemos ser mais interessante dividir as percepções sobre o livro *Ideólogo* em três partes: Sociedade; Crítica Social; Anarquismo. Por se tratar de um romance de cunho social, acreditamos que os três aspectos dão conta de uma leitura mais criteriosa e analítica sobre a obra inserida em um contexto específico. Dentro das três partes, abordaremos alguns aspectos sobre a História e como o autor a percebe.

O livro começa com um diálogo entre dois amigos de infância, muito próximos desde a época do colégio, mas que se separaram na faculdade. Alcibiades viria se formar médico e Anselmo, advogado. Separados pela formação acadêmica, os dois amigos originários da região Norte do país irão se estabelecer profissionalmente e fixar residência na cidade do Rio de Janeiro. Oriundos da classe média, ambos tiveram a possibilidade de estudar, concluir o curso superior e se casar com mulheres do mesmo grupo social.

Entretanto, mesmo tendo praticamente a mesma formação enquanto cidadãos, os caminhos dos dois amigos tomaram sentidos completamente opostos no que diz respeito à formação ideológica, à forma de enxergar a sociedade e às perspectivas para o futuro. O diálogo entre os dois acontece no consultório do médico Alcibiades, sendo que quem começa a falar é Anselmo. O tema da conversa inicialmente é o casamento entre o advogado nascido na região Norte e a mineira Martha. Embora Anselmo ame a sua esposa, o relacionamento dos dois não anda muito bem das “pernas”. As brigas, ciúmes, descontentamentos são os pontos fortes dos desentendimentos entre o casal.

Mesmo parecendo algo sem importância, totalmente corriqueiro, sem relevância suficiente para tal destaque, o autor evidencia este ponto no diálogo. Nesse sentido, cabe aqui uma observação. Quando Anselmo fala: “Não maldigo a hora em que a vi porque ainda a amo muito. Vivo por ella e para ella, e é a injustiça que me magôa, é estar ella sempre a me criminar de falta de atenção, de pouco caso e pouco amor, quando eu a adoro.”<sup>23</sup> O médico e escritor quer destacar, ou talvez seja a leitura que estamos fazendo sobre o diálogo, que há um ponto de divergência bastante evidente entre as personagens principais do livro. Anselmo vem a se casar por amor, diferentemente de Alcibiades, que se casa por interesse financeiro.

O próprio Alcibiades reconhece que a sua postura em relação ao casamento é bem diferente da do amigo, que não casou por amor, não tem a mínima preocupação com os sentimentos. Seu desejo é simples e bem característico da sociedade em questão, descrever e ao mesmo tempo criticar: “Quero glória, renome, e considero a esposa um accessorio indispensável ao medico”.<sup>24</sup>

Logo nas primeiras linhas do romance, Fábio Luz tece seu primeiro ponto de vista crítico em relação à sociedade, pensando a forma costumeira como alguns dos membros integrantes das camadas mais abastadas agiam frente ao matrimônio. Quase que de forma instantânea podemos eleger a personagem favorita de acordo com a índole de quem está lendo o texto.

Dentro dessa ideia de dualidades, fica claro que a personagem do advogado Anselmo representa o bem, no sentido de ser um personagem de bom caráter, de boas ações e sentimentos, simulando o melhor do indivíduo. Completamente o oposto do médico Alcibiades. Embora os dois sejam amigos, este pode ser visto como um

---

<sup>23</sup> LUZ, Fábio. **Ideólogo**. Rio de Janeiro: Altina, 1903, p. 4.

<sup>24</sup> Idem, p 12.

integrante da sociedade que está em decadência, submergida em um mar de luxúrias, em ambições desmedidas, na deturpação dos valores morais do indivíduo.

Se não bastasse a passagem acima transcrita para deixar o leitor decidido de qual personagem escolher como preferido, para estimular ainda mais a sua repulsa, vendo como Fábio Luz fala sobre a Igreja e sua relação com a sociedade. Para a maioria das famílias burguesas, a Igreja não estimula a fé, o desejo de salvação, mas “o desejo mundano de appacerer com maiores donativos”.<sup>25</sup> Na verdade, a boa ação não nutre o anseio de se fazer bem ao próximo, por querer de fato ajudar aquele que tem menos.

A relação entre a fé e o indivíduo se baseia no egoísmo, segundo o autor, pois o ato de ajudar o semelhante não era feito de forma sincera. A ação em si não é uma atividade fim, mas uma atividade intermediária entre esse indivíduo, que alcançaria como recompensa o prestígio obtido por meio de sua ação e um lugar cativo no paraíso.

Para que a narrativa de Fábio Luz ganhe tons emocionais, deparamo-nos com uma história bem comum na época, quando rapazes de família de posses acabavam se engraçando por filhas de mestiças pobres. Estas mulheres, com esperanças de um bom matrimônio, para que de alguma maneira pudessem sair da situação de pobreza na qual se encontravam, acabavam se envolvendo demais com esses rapazes ao ponto de ficarem grávidas. Por se tratar de um romance que vai a fundo nas contradições da sociedade burguesa, buscando expô-las, o autor não hesitaria em dar um sentido dramático a um drama social.

Nesse sentido, Alcibiades se envolve com uma mestiça e a engravida. Com receio de um escândalo em sua região que viesse a colocar o nome de sua família em risco, seus pais pegam a criança para cuidar. Entretanto, a mãe da criança não sabendo disso entra em tal desespero por conta do sumiço que tira a sua própria vida. Mesmo que seja um drama costumeiro na sociedade brasileira, Fábio Luz dará tons ainda mais dramáticos a esse acontecimento no desenrolar de sua trama. Daremos mais atenção a este caso nas próximas linhas.

O Rio de Janeiro nas palavras do narrador se apresenta como uma cidade linda, de belas paisagens, uma natureza exuberante e encantadora, mas, ao mesmo tempo, é uma cidade empobrecida, doente, cheia de vícios e de opressão. A então Capital Federal pode ser pensada como por meio de uma divisão entre dois polos opostos, mas que convergem. Essa convergência ocorre na medida em que há um Rio de grandes riquezas e luxos faustuosos e, do outro lado, ambientes onde a pobreza é o fator predominante,

---

<sup>25</sup> Idem, p. 14.

onde vivem e trabalham uma imensidão de trabalhadores, uma sociedade onde muitos existem para servir e outros poucos para serem servidos. Não estamos entrando no mérito do encanto da cidade do Rio de Janeiro. Pois além da beleza natural, o luxo da burguesia e tudo que a cerca, como os carros, a urbanização a custos sociais altíssimos, atribuiu ao Rio, outros patamares para além dos seus atributos naturais.

Outro ponto de vista interessante do autor é sobre as mulheres. Na verdade, Anselmo em seus pensamentos, analisa a formação de sua esposa Martha, depois de uma crise em seu relacionamento. A partir das reflexões da personagem, temos uma noção do processo de formação das moças de classe média. Partindo desse pressuposto, elas teriam uma educação voltada exclusivamente para viver em função de um marido que deveria pertencer ao mesmo grupo social. Tinha uma rígida educação, aprendia diversas línguas, música, bordado e todos os ritos ligados à Igreja Católica.

Nas palavras da personagem: “Metteram-na num internato de irmãs de caridade, ensinando-lhe piano, canto, francez, italiano, inglez, metteram-na nos mysticismos das communhões”.<sup>26</sup> Sobre a citação acima, gostaríamos de fazer algumas ponderações. O risco é evidente e perigoso, principalmente para o historiador, no sentido da possibilidade de estabelecer relações entre passado e presente e acabar caindo na armadilha do anacronismo. Pensando na citação do texto de Fábio Luz, acreditamos que a ordem disposta sobre o processo de aprendizagem da personagem Martha não foi casual ou aleatória.

O ponto que gostaríamos de destacar está relacionado com a música, pois, quando o autor relata que a personagem Martha aprendeu piano e canto, essa afirmação pode ser pensada como reflexo da sociedade dentro da obra de Fábio Luz. Talvez não de forma intencional ou com tons de crítica, mas de forma involuntária por conta dos costumes da época. Percebia-se o instrumento mencionado acima pertencia à elite, enquanto o violão, por exemplo, era visto como o instrumento ligado à malandragem, as camadas mais pobres da sociedade, um instrumento popular.

Mesmo que no final do século XIX se inicie um processo de *democratização do piano*, como afirma um dos mais importantes pesquisadores da história da música brasileira, José Ramos Tinhorão, o piano ainda simbolizava um status que diferenciava os cidadãos ricos dos pobres.

Na verdade, até bem entrado na segunda metade do século XIX, possuir um piano, no Brasil constituía privilégio de algumas poucas

---

<sup>26</sup> Idem, p. 75.

famílias de Pernambuco, da Bahia, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, o que conferia ao instrumento uma sonora conotação de nobreza, poder, cultura e bom nascimento.<sup>27</sup>

Voltando ao texto de Fábio Luz, a descrição do narrador sobre um típico representante da burguesia é bastante interessante. “Tinha o typo de adido de legação, oco e vasio, dentro de um bem talhada sobre-casaca, com a grande importância de um monóculo que o obrigava a uma contracção muscular contínua deformando-lhe o rosto, esgazeando-lhe o globo ocular. Era completo!”<sup>28</sup>

O que nos chamou a atenção foi o uso da palavra *deformar*, pois não foi apenas nesse momento que o autor se utilizou desta palavra para fazer alusão à estética burguesa. Ao descrever a esposa, Anselmo também utiliza a palavra para expor a forma como sua esposa utilizava as roupas com o espartilho, que acabava por deformá-la. Isso dá a dimensão da crítica de Fábio Luz sobre o ser humano, ao submeter-se a uma estética a qualquer custo para se encaixar nos moldes pré-estabelecidos pela sociedade. Podemos ir mais fundo. Na verdade, isso representa para o autor algo que ele não entende, pois para ele o ser humano não deveria se submeter desta maneira. A felicidade que Fábio Luz tanto reivindica estaria em si mesmo, na forma de ver a vida principalmente por meio da ótica da liberdade.

Anselmo deixa claro que, sua esposa não seria a pessoa ideal para que ele compartilhasse uma vida. Para ele, “se fosse educada na liberdade fecunda dos campos, habituada ao trabalho e a fadiga, seria uma esposa exemplar”.<sup>29</sup> Isso levanta outro aspecto: o narrador descrever a esposa de Anselmo e Elsa de formas bem diferentes, deixando clara a sua preferência. Elsa, filha de Alcibiades com uma mulata, que ele não assumiu (a tarefa ficou a cargo de seus pais que a adotaram e a criaram como se fosse sua filha), não sabe de toda essa trama que envolve a sua vida. Ela se vê como irmã de Alcibiades.

Elsa ganhará papel de destaque na trama elaborada por Fábio Luz. Mas, nesse primeiro momento, vamos nos ater a sua descrição, que de alguma maneira nos dá pistas para o que ainda irá acontecer. Elsa teve sua formação assistida de perto pelos seus pais adotivos, mas desde o início mostrou ser uma menina diferente das outras do seu mesmo círculo social. Possui uma personalidade de certa maneira autônoma, não se

<sup>27</sup> TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. 2ª Edição. São Paulo: Ed 34, 2010, p. 136.

<sup>28</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit., p. 84.

<sup>29</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit., p. 75.

submetendo aos caprichos, deformações ou regras estabelecidas pela moda burguesa. Estudou História, Botânica, ou seja, era uma menina que não sabia tinha sido adotada, mas era bem rica, e mesmo assim, deixou de lado os arroubos faustuosos de que poderia se valer para estudar disciplinas mais reflexivas, que buscam estimular o debate, o pensamento.

Na verdade, ela optou por se dedicar a áreas mais humanas, indo na contramão da formação do grupo social a qual fazia parte, não se dedicando a preencher o vazio da vida de aparências levada a cabo pela sociedade burguesa. O narrador revela certa admiração de Anselmo pela formação de Elsa, expondo um gosto por mulheres que possuem autonomia ao invés das que se submetem aos prazeres e tentações burguesas.

Um romance que é ambientado na cidade do Rio de Janeiro acaba sempre nos revelando um pouco mais do cotidiano da cidade. Além das belas paisagens descritas pelo autor, o Centro da cidade também tem seu destaque. Nele circulam belas e ricas senhoras, em um desfile de elegância e ostentação, automóveis. Na Rua do Ouvidor, por exemplo, circulam muitas pessoas elegantes, cobertas de sedas e joias.<sup>30</sup>

Mesmo sendo um texto de crítica e propaganda, o *Ideólogo* também é um romance. Nesse sentido, algumas tramas são desenhadas em segundo plano, mas elas também podem ser vistas como uma crítica a partir do momento que Fábio Luz descreve, na maioria dos momentos, uma sociedade hipócrita e em decadência.

O médico escritor toca em um ponto bastante complicado para a sua sociedade, que é dominada culturalmente e religiosamente, desde a chegada dos portugueses em nossas terras, pela Igreja Católica. Nesse sentido, o adultério feminino é visto como um tabu, por dois pontos em nosso entendimento. Pela ideia de pecado em si e pela imagem negativa que acaba manchando o nome do marido e de sua família. Entretanto, não se demonstra em nenhum momento algum tipo de preocupação com a mulher, sintetizando a ideia de uma sociedade extremamente machista e sexista.

Na trama escrita por Fábio Luz, e justamente a esposa de Alcibiades, que de se casarem, já tinha o hábito de se envolver com outros homens, mesmo que estes fossem casados. Antes do casamento, ainda em Petrópolis, onde vivia com os pais, Eulina se envolveu com um homem casado. Sem se importar com o escândalo que poderia, dentro dos padrões da época, manchar de alguma maneira a sua reputação, Alcibiades veio a se casar com ela. Mas ele tinha um objetivo bem específico para ser conquistado: adquirir o dote de sua futura esposa.

---

<sup>30</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 89-90.

O casal formado por Alcibiades e Eulina, no romance, representa a percepção do autor em relação ao casamento burguês. De maneira geral, eles levam uma vida confortável e sem grandes preocupações, e Eulina continua praticando o adultério depois de se ter casado. Embora tenham uma vida mais tranquila do que os trabalhadores mais pobres no sentido financeiro, a falta de caráter no trato, a forma como conduzem suas vidas por conveniências, acaba indicando uma sociedade em franca decadência.

Fábio Luz não se restringe a apenas descrever a sociedade burguesa e as suas contradições. Ele também destaca algumas páginas de seu romance para apresentar o universo da pobreza, descrevendo como vivem esses trabalhadores explorados pelos grandes burgueses e pelo Estado. O autor destaca a forma como vivem, no sentido de mostrar, para quem lê o seu livro, que a vida nas camadas mais pobres da sociedade é bem difícil e tem como culpado o próprio burguês que por ventura lerá o seu livro. A fome que assola os moradores do subúrbio, as péssimas condições de moradia, os baixíssimos salários que recebem de seus patrões, a falta de vestimentas adequadas para suportar uma temporada de frio, até mesmo para o dia a dia.

Na verdade, o autor nos leva a refletir sobre a forma como eram tratados pelo Estado, assim como o Estado tratava a região onde se encontra a maioria das moradias dos trabalhadores, sem saneamento básico, questão que também pode ser pensada como bastante atual. A labuta sol a sol sem leis que regulamentavam o seu trabalho, e quando interrompesse o trabalho, por mínimo que viesse ser o problema levantado por ele, o trabalhador poderia vir a perder seu emprego, por motivos banais e sem nenhuma justificativa.

E os patrões não se preocupavam, pois a oferta de trabalho era bem menor do que a oferta de pessoas dispostas a trabalhar. De certa maneira, Fábio Luz descreve a sociedade criticando-a, expondo suas fraquezas, mas também algumas virtudes, pessoas que podem mudar a partir da tomada de consciência do seu papel nesta sociedade.

### **A Crítica Social em *Ideólogo***

Logo nas primeiras páginas do livro, em nossa interpretação, Fábio Luz já traça uma crítica bastante contundente, que se relaciona diretamente à vida pessoal do autor, não se limitando apenas ao campo ficcional da personagem. No diálogo inicial entre Alcibiades e Anselmo, este último relata alguns dos devaneios cometidos por sua esposa, Martha, que possui sentimentos de fidalguia, mesmo não passando perto de tal

posição. Por conta de tal sentimento de nobreza e imbuída de sentimentos excludentes, Martha não via com bons olhos nada que não fosse oriundo das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para ela, as coisas e os serviços prestados por pessoas não originários destas duas cidades eram de qualidade duvidosa, para não dizer ruins.

Em busca de controlar um dos ataques da sua esposa, Anselmo consegue levá-la para poder se consultar com um amigo médico que sempre o tratara (não fica claro no texto se esse médico é Alcibiades). A reação foi completamente diferente da esperada. Martha ficou ainda mais transtornada ao saber de que se tratava de um médico formado pela Academia de Medicina da Bahia, fora do eixo Rio, São Paulo. No texto, a personagem se coloca; “dizendo que os médicos formados por aquela Academia eram todos burros”.<sup>31</sup> Isso quer dizer que para a personagem, o médico poderia ter origem nortista, mas independentemente de qualquer coisa, deveria ter se formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Esse fragmento nos faz entender a maneira de como a elite da capital federal percebe os demais estados e conseqüentemente seus moradores. Excetuando-se os estados de São Paulo e Minas Gerais, os demais, principalmente os do norte e nordeste do país, eram vistos como atrasados, habitados por pessoas sem educação, não desenvolvidos, estados que ainda vivem submersos em um passado colonial.

Martha se dizia descendente da fidalguia portuguesa, mesmo tendo apenas um pequeno sítio em Minas gerais e seu tio que mesmo em declínio financeiro, conservava se título de Barão. Com uma situação econômica não condizente com o seu discurso, Martha sempre fazia questão de dizer, inclusive em relação ao seu marido, como expõe a personagem de Anselmo, que ela tinha “nojo da gente do norte. Chama-nos descendentes de negros apegados aos hábitos e costumes coloniaes”.<sup>32</sup>

Essas passagens não estão no texto para encorpá-lo ou por um mero recurso literário. Na verdade, se trata do próprio universo do autor inserido na narrativa ficcional. Pois o autor, além de ser baiano, cursou e se diplomou como médico pela Academia de Medicina da Bahia. Ou seja, na verdade, toda essa exposição do autor representa uma crítica de Fábio Luz à sociedade de sua época, no sentido de que o preconceito entre as diversas regiões do país era mais evidente, principalmente em relação à região norte, não muito diferente dos tempos atuais.

---

<sup>31</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 6.

<sup>32</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 6.

Em um diálogo bastante interessante, Anselmo, o *Ideólogo*, começa a expor suas observações sobre a sociedade obtidas por meio de suas experiências cotidianas como advogado criminal.

Mesmo tendo a mesma origem burguesa que Alcibiades, que exerce sua profissão com o único intuito de enriquecer e obter status sociais, Anselmo faz do seu ofício de advogado não apenas uma fonte para o seu sustento, mas também e principalmente uma possibilidade de ajudar aqueles que não têm condições financeiras para poder levar uma vida ao menos digna. Aqueles que não podem se defender das artimanhas do Estado e da burguesia em um Tribunal de Justiça.

Ao defender os *gatunos*<sup>33</sup>, Anselmo acredita que está de alguma maneira fazendo uma reparação por todos os danos causados pela burguesia e pelo Estado desde muito tempo à população pobre de uma maneira geral. Pois os defende para “compensal-os das injustiças sociaes.”<sup>34</sup>

Não é apenas responsabilidade da burguesia pela situação em que se encontram essas pessoas, mas também do Estado, que ao em vez de promover ações que possam recuperar esses indivíduos que cometeram algum tipo de crime, na verdade criam as condições que os estimulam ainda mais para a permanência na vida criminosa, na visão de Anselmo. Para o autor, a Casa de Detenção se trata de um lugar onde se forma pessoas viciadas. Lá se diplomam no ofício do crime, obtendo formação continuada no uso de *instrumentos* e *objetos* que o aprimorarão no crime. Ou seja, ao invés do sujeito se corrigir, ele sairá ainda pior, o que dá um caráter de inutilidade ao local.

Problemas bastante atuais, que Fábio Luz já evidenciava no início do século XX, e que nos fazem pensar que ele tinha razão ao criticar o Estado pela forma como procede com os detentos das Casas de Detenção. A começar pelo tempo dos processos para serem julgados, que determinam o tempo de estadia de um prisioneiro na Casa e que podem variar com a posição social deste detento. Mesmo que o crime cometido pelos mais pobres possa ter sido mais brando, ele esperará bem mais para ser julgado, na lógica do autor.

A Casa de Detenção não era um lar provisório apenas de pequenos ladrões. Lá também habitavam aqueles que eram considerados inimigos da República. Na verdade, toda a ação desses *revoltados* legitimava o rigor das perseguições e das punições

---

<sup>33</sup> Pessoas que estavam presas e que Anselmo defendia na Casa de Detenção.

<sup>34</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 17.

daqueles, que entendiam que a República era um fim em si mesmo, governando para os seus pares e não para aqueles que o elegeram.<sup>35</sup>

O problema vai mais além. A questão não era o local em si, mas o que vem antes dela. Ou seja, se a distribuição de riqueza acontecesse de forma igualitária, não existiria uma sociedade dividida em classes. Na verdade, seria uma sociedade onde todos pudessem ter acesso à educação, e as Casas de Detenções não seriam problemas. O indivíduo não precisaria cometer crimes para conseguir comida, pois isso não aconteceria em uma sociedade igualitária, na perspectiva do autor.

O que está em jogo na verdade, é o debate moral sobre a sociedade entre os dois amigos burgueses. Anselmo se recente pela situação atual das pessoas, representando os intelectuais que se identificavam com as teorias socialistas ou anarquistas e que pensam a sociedade criticamente, buscando perceber a origem da situação atual da sociedade, entendendo que o sofrimento do outro é o seu sofrimento também. Já o outro lado, o da burguesia que só pensa em acumular, ignora, age de forma completamente alheia à situação social do país, entende que divisão social em classes é fundamental para separar os ricos dos pobres. Esse grupo de pessoas é representando por Alcibiades.

“Pode haver bem estar onde há sofrimento?”. Pergunta Anselmo. Na verdade, é o próprio autor se perguntando e estimulando o leitor a se questionar sobre a sociedade em que vive. Como destacamos anteriormente, a época em que Luz escreve é bastante tumultuada. Havia dez anos, aproximadamente, que o Brasil deixou para trás uma monarquia de quarenta e nove anos sob o governo de Dom Pedro II. O país acabara de deixar de ser um lugar da escravidão. Enfim, essas e outras questões estavam nas rodas de debates da época.

Fábio Luz estava convidando o leitor a pensar a sua sociedade de forma mais crítica, demonstrando por meio de um diálogo, com argumentos de ambos os lados, mas evidenciando o lado que ele entende ser o correto, e chamando a atenção do leitor para os problemas sociais, para que este não tivesse satisfeito com a situação, que este pelo menos se questionasse sobre o seu papel dentro dessa sociedade. Ele não apenas convida, mas também demonstra a situação do trabalhador no Brasil, destaca o desemprego, a miséria dos subúrbios e dos bairros pobres, os processos financeiros.

E o Estado sempre a matar o operário, despedindo turmas e turmas dos arsenaes, para entregar mediante sommas fabulosas as construcções a industriaes estrangeiros, concedendo a titulo de

---

<sup>35</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 111-112.

educação fóros de casa de correcção infantil a uma exploração capitalista da infância transviada.<sup>36</sup>

Na verdade, trata-se de uma crítica contundente da personagem de Anselmo, que pode ser pensada como a própria exposição da forma de pensar do autor, que sem nenhum constrangimento, critica o Estado e a burguesia por toda a exploração do trabalho, por toda a situação de pobreza que essas pessoas se encontram. Essa é, a forma de pensar do próprio Fábio Luz, demonstrada não apenas na narrativa ficcional publicada no ano de 1903, mas em todos os seus escritos publicados ao longo dos seus longos anos de militância anarquista, nas diversas frentes, principalmente, em jornais ácratas.

Em um diálogo entre a personagem de Anselmo e Jorge<sup>37</sup>, um terceiro personagem surge de forma repentina na cena. Martha, a esposa de Anselmo, que ouve a proposta dele, de criar uma *colônia de iguaes*, na qual ela também seria um membro. Portanto, iria dividir o mesmo espaço com pessoas pobres, como Jorge, e iria ter que trabalhar assim como os demais. Ela entra em desespero e critica ferozmente o marido. Essa crítica expõe o pensamento de um grupo econômico que detém a riqueza em relação ao grupo econômico que detém apenas o direito de ser explorado.

Fica bastante evidente e fácil de identificar a crítica social que o autor pretende realizar a partir da fala da personagem Martha. Expõe de maneira objetiva a maneira como os ricos de então enxergavam os pobres, além de confrontar a opinião desse grupo que possuía o poder econômico sobre a possibilidade da perda desse domínio para viver em uma sociedade onde todos fossem iguais. A menor possibilidade de nivelamento da sociedade era vista como uma ofensa para a burguesia de uma maneira geral. Igualar-se a uma pessoa mais pobre era uma opção que não passava pela cabeça desses indivíduos.

Da mesma maneira que podemos identificar certo sentimento de otimismo, no sentido de que Anselmo, ou o próprio autor, mesmo tendo origem burguesa, se dispunha a ajudar aqueles que não possuem recursos financeiros e conseqüentemente, educacionais. Ou seja, o local de nascimento não implica que todos os membros desse grupo pensem a sociedade da mesma forma, havendo a possibilidade de mais pessoas com recursos se identificarem com a proposta do autor e, de alguma maneira, contribuíssem para com os demais. Fábio Luz, na verdade, está chamando a

---

<sup>36</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 24-25.

<sup>37</sup> Esse diálogo faz referência à proposta de Anselmo em criar uma colônia de iguais e o convite a Jorge. Esse diálogo será discutido no sub-item Anarquismo.

responsabilidade essas pessoas, para que elas comecem a refletir sobre esses aspectos, a partir da leitura do seu romance cheio de tons militantes.

Sobre a crítica levantada pelo médico anarquista, boa parte das pessoas que fazem parte do mesmo grupo social da personagem Martha, entende que o pobre é sinônimo de imundice, ignorância, enfim, eles são vistos como *porcos*.<sup>38</sup> Não percebem que aqueles que possuem condição social inferior não vivem na ignorância e na inércia por opção, justamente ao contrário, vivem assim pela falta de oportunidade para poder evoluir.

Fábio Luz não fica apenas no universo imaginário do pobre, visto que, vai a fundo na realidade como destacaremos na citação a seguir:

Anselmo parou junto ao córrego infecto, em parte coberto por um bambual. Em frente a uma serie de casinhas, antigas senzalas talvez, ficava um pequeno pateo batido e varrido, indo terminar no córrego; do lado da rua, entre o matto rasteiro e o capim, corria uma sargeta, onde lama cheia de detricos se escoava lentamente, exhalando um cheiro detestável de matérias orgânicas em decomposição. Do outro lado, dando para a outra rua, mulheres lavavam, e cantavam em um terreno baldio, onde as hervas cresciam livremente.<sup>39</sup>

Passagem bastante interessante por revelar alguns aspectos importantes da cidade do Rio de Janeiro. Nela, o autor descreve um pouco da triste realidade vivida pelos moradores dos subúrbios cariocas, como o próprio Fábio Luz, que como já destacamos, morou no bairro do Méier. Por isso, o autor demonstra conhecer bem essa realidade. Como destacamos no capítulo anterior, Fábio Luz, como médico, atendia pacientes pobres do seu bairro e de bairros vizinhos de forma gratuita, a fim de colaborar com pessoas que dificilmente teriam acesso a um acompanhamento médico de qualidade.

Cometeríamos um erro grave se abordássemos a Revolta da Vacina que ocorreu no ano de 1904, ou seja, um ano depois a publicação do livro aqui estudado. Entretanto, percebemos a partir do romance escrito pelo médico anarquista que as bases que motivaram o movimento contra a vacinação obrigatória estavam sendo alicerçados há alguns anos antes da eclosão da revolta. Fábio Luz retrata em certo momento do romance o universo, como destacamos acima, do pobre que vive no subúrbio. Na trama, o advogado de tendências libertárias foi visitar Jorge, que, doente e cercado de vizinhos, se perguntam quando o *Commissario de Hygiene* iria averiguar a sua possível doença.

---

<sup>38</sup> LUZ, Fábio. *Op. Cit.*, p. 71-72.

<sup>39</sup> LUZ, Fábio. *Op. Cit.*, p. 115.

Fica evidente que a população pobre já temia Oswaldo Cruz e seus métodos de tratamento de doenças. “Dizem que só os pobres é que vão e que na gente se faz experiência do remédio que vem de Manguinhos (...). Diz que lá se aproveita a gente para fazer estudo e que depois de morto se vae para os estudantes.”<sup>40</sup> Esse imaginário popular, de dúvida, da desconfiança em relação ao futuro desconhecido em Manguinhos, aos métodos aplicados pelo famoso sanitarista, demonstram porque a aprovação da Lei Federal nº 1261, de 31 de outubro de 1904, que no seu primeiro artigo diz: “A vacinação e revaccinação contra a variola são obrigatorias em toda a Republica”<sup>41</sup> foi o estopim de um movimento, que já tinha suas bases elencadas nos anos anteriores. Mais uma vez a realidade se confunde com a ficção, pois ao abordar a questão das doenças que atingiam principalmente a população pobre da cidade e a forma como os pobres vivem.

No folheto, *A luta contra a tuberculose do ponto de vista social* publicado em 1913, Fábio Luz disserta sobre a moléstia como uma doença social, embora o autor não especifique a enfermidade de Jorge no romance. Na verdade, a forma como a sociedade pobre dos subúrbios cariocas vive são os indicadores de que a achaque, não a sua origem, mas causas são por conta da situação de vida dos mais pobres. Explica o médico romancista que à falta de luz, a não circulação de ar pelos ambientes, somados à fome, o frio, dos cômodos apertados onde vivem um número grande de famílias, a falta de recursos para tratamento, só contribuía para a proliferação dessas epidemias de doenças como a tuberculose.

Fábio Luz expõe a ineficiência dessa República que, apoiada nas instituições que cercam, como a Assembleia, está em situação de decadência. Onde o Executivo e o Judiciário se somam ao Legislativo decadente. O Estado e as instituições que a cercam, para o autor estavam falidas.

Embora o romance escrito por Fábio Luz não esteja listado no rol dos grandes clássicos de nossa literatura, nem o próprio autor tenha o devido reconhecimento, por toda a sua história de militância, ele deve ser lido com bastante atenção, e assim podemos compreender diversos aspectos históricos sobre o Brasil dos anos de 1900. Por conta de sua característica realista, o romance sofreu severas críticas na época em que foi lançado, pois o texto trata de diversas nuances desta jovem República chamada

---

<sup>40</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 117-118.

<sup>41</sup> Lei Federal de nº 1261 de 31 de outubro de 1904. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1261-31-outubro-1904-584180-publicacaooriginal-106938-pl.html>>. Acessado em 20 de setembro de 2015.

Brasil. Aborda também, as contradições de uma sociedade em vias de modernização política e econômica.

Por ser tratar de um livro produzido com uma proposta de ser bastante realista, que busca evidenciar e criticar as contradições presentes na sociedade de então de uma forma bem didática, para que todos pudessem compreender o que estava escrito e que hoje o livro de Fábio Luz pode ser lido como um recurso para melhor compreender o momento histórico em questão. Nesse sentido, o autor aborda em seu romance diferentes temáticas sobre o seu cotidiano e que hoje se destacam como tópicos muito recorrentes e importantes em nossos livros didáticos. Em diversos momentos, Fábio Luz evidencia as algumas questões que permeiam o universo do trabalhador pobre, no qual às vezes lhe falta o básico para a sobrevivência humana, como a comida, tanto quanto o universo da alta burguesia da capital federal, no qual as pessoas se preocupam com o luxo, com os escândalos matrimoniais baseados não nas relações amorosas, mas nas relações econômicas.

O autor não se limita em destacar apenas as contradições e dualidades presentes na sociedade. Ele também escreve sobre situações reais, como por exemplo, o fez ao denunciar as diversas artimanhas utilizadas pelos políticos para permanecerem no poder. “Sob a denominação de Política de Governadores se fundará uma oligarquia de mandarins, e as Assembleias unânimes no apoio incondicional encampavam todas as negociações”.<sup>42</sup>

Na verdade, a citação acima, assim como todo o livro do médico escritor, serve como resposta a uma das perguntas, do nosso projeto, no que diz respeito à literatura como uma fonte de conhecimento histórico, mais especificamente, o romance. O texto favorece a nossa resposta pela própria proposta do autor em escrever um romance de caráter realista, mas não preso a padrões estéticos de estilos literários, imbuído de novas paixões literárias que proporcionavam ao autor um novo posicionamento sobre a política. Nesse sentido, encantado com o universo libertário, Fábio Luz desejou expressar na forma de literatura, outra paixão, todas aquelas ideias novas dentro de um contexto específico, a realidade da sociedade em que vive.

O autor destaca o Encilhamento e o Funding-Loan, políticas econômicas promovidas pelo Governo Federal, de uma forma negativa. Pois na verdade, elas só estimulam o sentimento de enriquecimento a qualquer preço, a esperança de investimentos e lucros que seriam obtidos de forma duvidosa. “Os operários estão sem

---

<sup>42</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 113.

trabalho; os processos financeiros do funding-loan empobreceram a indústria, mataram quasi a lavoura.”<sup>43</sup>

### **Considerações finais**

A partir das fontes aqui analisadas, e tendo como base uma bibliografia bastante relevante, podemos chegar a algumas conclusões preliminares. Pois entendemos que o nosso trabalho não é um texto final, no sentido de termos todas as respostas, mas antes inicia um debate bastante importante sobre alguém que merece o devido reconhecimento por parte da historiografia brasileira. Esperamos que este texto seja um estímulo a outros estudos que buscam dar voz àqueles que merecem ser ouvidos e que no momento ainda estão sendo silenciados.

Fábio Luz, além de um importante militante nas fronteiras libertárias, também deve ser tratado como uma figura de destaque no campo literário, mesmo que escrevesse objetivando reconhecimento por um grande público. E sobre esse aspecto literário, temos três pontos fundamentais de análise: o primeiro ponto tem a ver com o sucesso obtido pelo escritor baiano em levar o anarquismo para além das fileiras militantes, entendemos por meio das fontes que este não era o objetivo no ato da escrita, mas uma consequência pela qualidade de seus textos. Embora Luz tenha sido atacado ferozmente pelos críticos literários burgueses, seus textos e livros eram lidos pelos privilegiados da sociedade brasileira.

Fábio Luz teve seu esforço literário reconhecido pelo grande público ao ponto de ter sido indicado ainda vivo e ter feito parte da Academia Carioca de Letras. Esse feito, no nosso entendimento, é bastante significativo, demonstrando que, a literatura militante poderia ultrapassar as barreiras do movimento operário possibilitando uma nova perspectiva. É claro que não podemos generalizar, pressupondo que todos os escritores libertários tiveram o mesmo sucesso. Contudo, Fábio Luz merece o devido reconhecimento por conseguir algo impensado talvez para a época.

O segundo ponto observa a literária em si. Encontramos muita dificuldade, por conta da falta de estudos, de identificar um conceito de romance social que pudesse nos ajudar em nossa análise. Entretanto, chegamos a alguns elementos que contribuíram bastante para o nosso trabalho.

O *Ideólogo* de Fábio Luz publicado em 1903, de fato se enquadra perfeitamente na categoria de romance social. Pois, ao analisar friamente e de forma bastante

---

<sup>43</sup> LUZ, Fábio. *Op. cit.*, p. 24.

detalhada diversos aspectos relacionados à sociedade de sua época, não apenas criticando-a, mas também apontando elementos para uma sociedade futura, o autor demonstra escrever sobre as questões sociais. Mas, acima de tudo, propõe formas de romper com o paradigma de sua época que estão muito presentes em suas linhas, configurando então o *Ideólogo* como um romance de caráter social.

O terceiro ponto também se relaciona com a literatura, no sentido de que por meio do romance o *Ideólogo*, temos um excelente exemplo de como a literatura pode contribuir para a compreensão histórica, fornecendo mais elementos sobre o tempo histórico no qual vive o autor. Ou seja, embora se trate de uma obra ficcional, o romance escrito em 1903 apresenta um conteúdo bastante importante para a compreensão do período em questão. É óbvio que o romance não substitui o estudo mais sistemático do historiador e da historiografia, mas o romance serve como um instrumento paralelo e que deve ter uma digna importância na re-construção do processo histórico.

#### **Referências:**

##### **Documentos:**

LUZ, Fábio. **Ideólogo**. Rio de Janeiro: Altina, 1903

LUZ, Fábio. **A luta contra a tuberculose do ponto de vista social**. Rio de Janeiro, 1913.

LUZ, Fábio. **Dioramas: Aspectos Literários (1908-1932)**. Volume I. Editora Ravaro. Rio de Janeiro, 1934

##### **Bibliografia:**

ADDOR, Carlos Augusto. **Um homem vale um homem: Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.

BRITO, Broca. **A vida literária no Brasil: 1900**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 48ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 6ª Ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1980.

CANDIDO, Antônio & ROSENFELD, Anatol & PRADO, Décio de Almeida & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 12ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHARTIER, Roger. Debate: Literatura e História. IN: **Topoi**. Rio de Janeiro, n° 01, vol 01, 2000. Disponível em: < [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi01/01\\_debate01.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf) > Acessado em 10 de junho de 2013.

CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia: Anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. São Paulo: Faísca, 2011.

FENERICK, José Adriano. A literatura anarquista dos anos 1900/20: um estudo da recepção em dois quadros críticos. IN: **Revistas de Humanidades**. V05, N10, Junho de 2004.

FERNANDES, Florestan. O Romance Social no Brasil. IN: **Folha da Manhã**. São Paulo. Ano XIX, n 6172 de 27 de abril de 1944.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultural anarquista no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

JUNIOR, Benjamin Abdala & CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1986.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **O Romance Social**. São Paulo: Scipione, 1993.

KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um Revoltado**. São Paulo: Editora Imaginário, 2005.

LIMA, JOSELY TOSTES DE. **A palavra e a pena: dimensões da militância anarquista de Fábio Luz. (Rio, 1903/1938)**. Dissertação de mestrado.

LOPES, Milton. *A Universidade Popular: Experiência educacional anarquista no Rio de Janeiro*. IN: AARÃO Reis Filho, Daniel e DEMINICIS, Rafael. **História do anarquismo no Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad X, 2006.

MANFREDONIA, Gaetano. *Arte e Anarquismo na França da belle époque (1880-1914)*. IN: Vários autores. **Arte e Anarquismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

PROUDHON, P. J. **Do princípio da arte e de sua destinação social**. Campinas: Editora Armazém do Ipê, 2009.

RESZLER, André. **A estética anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz**. Rio de Janeiro: VJR, 1993.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

SAMIS, Alexandre. **Negras Tormentas: O Federalismo e internacionalismo na Comuna de Paris**. São Paulo: Hedra, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. 2ª Edição. São Paulo: Ed 34, 2010.

TOLSTOI, Leon. **O que é arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.